

Obra no Convento traz descobertas arqueológicas

Adriana Machado

A restauração do Convento da Penha, iniciada no começo deste ano, não está servindo apenas para recuperação do monumento histórico e religioso de maior importância do Espírito Santo, mas também tem contribuído para revelar a existência de sítios arqueológicos que não eram de conhecimento nem mesmo dos próprios freis.

A principal descoberta até o momento são as ruínas de uma antiga senzala que estavam entre a vegetação rasteira, atrás do Convento, no extremo oposto ao pátio do estacionamento. Para a restauração a equipe precisou fazer pesquisas bibliográficas. Consultando os livros, os restauradores encontram citações sobre a existência de uma senzala, com a indicação do local onde havia sido construída.

Com a autorização dos freis, a área foi capinada deixando visíveis as ruínas que ficam próximas à Casa do Sacristão. "Neste local", afirma o restaurador Júlio Barros, que é diretor de Patrimônio Histórico da Prefeitura de Ouro Preto, "além das acomodações dos escravos, devia haver também um abatedouro de animais e demais dependências de serviço". De acordo com os livros, entre os escravos, havia, inclusive, músicos, e formavam uma "banda" para acompanhar as procissões e um deles foi organista do Santuário.

Assim como o sítio arqueológico, os restauradores já estiveram na casa de pedras, que também fica no mesmo lado em que se situam as ruínas. A estrutura da casa, onde morou Brás Afonso, um português que ajudou os freis a construir o Convento, impressionou Barros. "Ela tem sistema de drenagem, com saída de água, e está colada na rocha". No chão, uma assistente de arqueologia encontrou pedaços de porcelanas e queimação de cerâmica indígena", relata o restaurador.

Esses dois sítios arqueológicos já foram observados in loco, a pedido dos restauradores, por uma estudante da Universidade Federal do Espírito Santo, que é assistente do professor

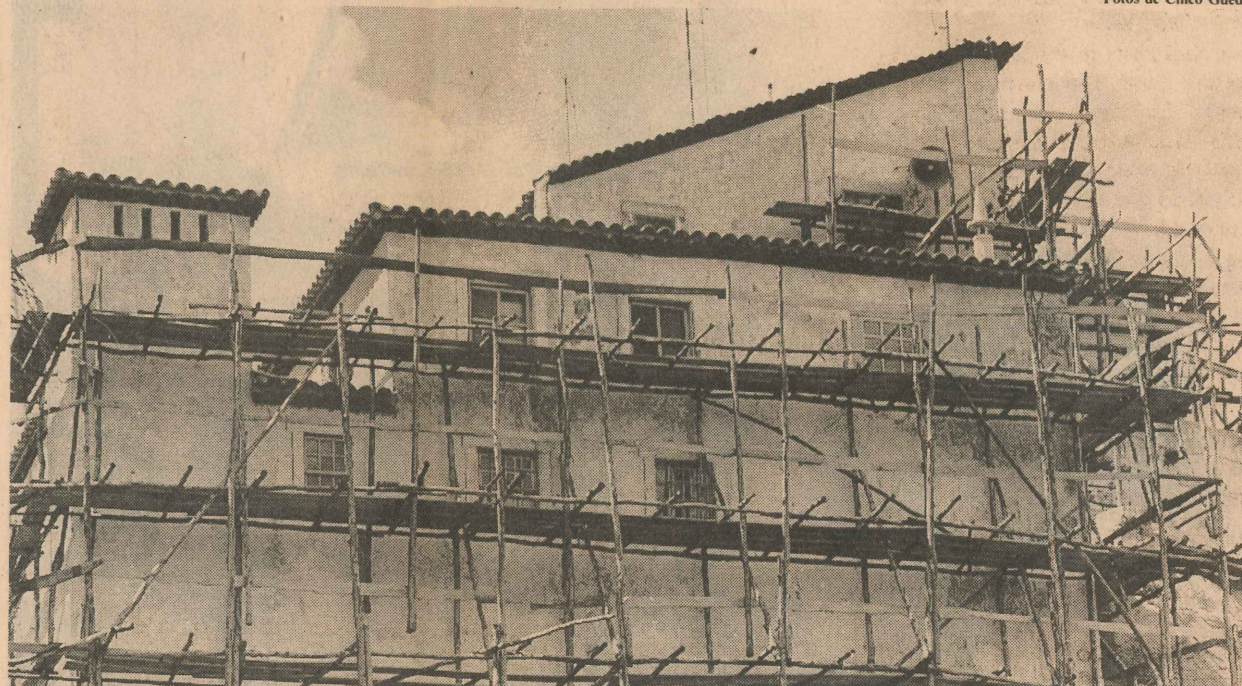


As imagens formam bom acervo

Celso Perota, o único no Estado que faz trabalhos em arqueologia. "No entanto, ressalta Barros, "nós estamos acertando com ele a realização de um estudo minucioso para melhor conhecer esses sítios e saber qual utilização deve ser dada". Para evitar que sejam jogados entulhos, todas as duas áreas foram limpas e isoladas do acesso ao público.

Outra revelação importante de conhecimento dos freis, mas ignorada pelos fiéis e turistas que frequentam o Convento, são as obras de arte que compõem o acervo do museu do Convento, que há anos está desativado e que será reaberto após concluídas as obras de restauração das peças. Júlio Barros e a equipe de restauradores encontraram guardadas e em estado precaríssimo peças que datam do século XVII e XVIII, como imagens, armas, mesa de altar, dois sinos e sacrário.

O valor dessas obras é incalculável. "Atualmente, as obras do século XVII são raras em todo o Brasil e esse acervo é inavaliável (sic)", afirma Júlio Bar-



A reforma externa deve ser concluída logo e então será hora de buscar descobertas na parte interna

ros. Até junho, o restaurador prevê que todas as peças já tenham sido recuperadas para que o museu possa ser montado, pois o espaço onde funcionará já está com as obras praticamente prontas.

Embora todos os livros citem a existência de uma cisterna também próxima às ruínas. O restaurador acha que o local deveria ser estudado em detalhe, através de serviços de prospecção. Ele faz mistério quando questionado sobre qual a utilização realmente dada ao "reservatório", limitando-se a afirmar que entrou no local e encontrou um lampião antiquíssimo e outros entulhos que precisam ser pesquisados.

Junto ao reservatório, a equipe de restauradores achou também resquícios de uma "escapadeira", que é uma escada construída em pedra e colada na parte mais íngreme da rocha. Por essa escada, os freis poderiam fugir, caso fossem alvos de algum tipo de ataque, como, por exemplo, dos holandeses.

As expectativas da equipe no momento estão voltadas para as obras internas que serão feitas na igreja. Barros tem certeza, em função dos trabalhos de prospecção já realizados, que encontrará uma bellissima pintura na nave da igreja e no teto da sacristia. Ele também está ansioso para provar que havia uma escada que ligava o atro ao local destinado ao coro. Esta comprovação poderá ser feita quando for retirado o reboco da parede do atro, que fica logo em seguida ao batistério, para fazer as obras de restauração.

Segundo a arquiteta-responsável, Penha Maria e Almeida Meneses, por enquanto não há previsão de quando serão iniciadas as obras na parte interna. Até o final do ano, devem estar concluídas a restauração do telhado e a pintura externa. Já estão prontas as obras realizadas na Casa do Sacristão, um dos anexos do convento, que é dividido em ambientes, para onde serão transferidas as dependências de hóspedes, hoje situadas na residência dos freis, a Sala de Ex-Votos, o Museu e,

num piso mais baixo, a lavanderia. A Casa do Sacristão até então estava fechada.

Já no pavimento superior, em cima do bar, onde atualmente é a Casa dos Milagres, a pedido dos freis, estão sendo feitos cinco concistórios (local de confissões). Os pisos originais não existem mais e foram substituídos por lajes de concreto armado, tendo sido necessário um grande esforço por parte dos restauradores para recuperar o local.

As obras estão sendo executadas com verbas do Governo do Estado e empresas privadas, pelo Departamento Estadual de Cultura, através da Divisão de Patrimônio Histórico. Os recursos disponíveis até o momento, embora não sejam suficientes, permitiram que os serviços fossem realizados sem que tenha sido preciso paralisar as obras por períodos temporários. Segundo o chefe da divisão, Valdir Castiglioni, o DEC já está alocando novos recursos e a expectativa é de que não vá faltar verbas para a restauração da parte interna da igreja.

Fotos de Chico Guedes

Terreno será reflorestado

Paralelo à restauração do Convento da Penha, o Instituto de Terras Cartográficas e Florestas (ITCF) está reflorestando a mata que há em torno do templo, pois os cipós, bambus, e outras plantas "invasoras" estavam prejudicando o crescimento das árvores. Até março, toda uma área de 16 hectares estará coberta por mudas nativas como jacarandá, jequitibá e anjico.

O serviço iniciado em 89, tem o apoio da Floresta Rio Doce, subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce, e segundo o diretor florestal do ITCF, Ademir Câmara Lopes, vem sendo executado dentro de um ritmo que não prejudique a sobrevivência dos animais, que poderiam afugentar, caso o replantio fosse acelerado.

Todo o cipó já foi retirado e recortado para servir como adubo, assim como outras espécies invasoras, entre essas os "arranha-gatos". Em outubro deste ano, o bambu passou a ser retirado também através de um trabalho "artesanal", para que as outras árvores não fossem sacrificadas, evitando também a erosão provocada pelas chuvas, sobre as áreas que ficaram temporariamente descobertas.

Mudas

Já foram plantadas 28 mil mudas, em uma área de aproximadamente nove hectares, estando previsto o plantio total de 40 mil mudas, sobre uma extensão de 16 hectares. Toda a floresta tem 37 hectares, mas de acordo com Câmara, nem toda a mata está ameaçada.

O objetivo, frisou Câmara, não é o de "reflorestar" propriamente dito, mas "enriquecer" a flora da mata, principalmente, porque a mata do Convento é uma das raras áreas verdes de Vila Velha, junto com a reserva ecológica de Jacarenema.